

Modalidade do resumo: Expandido

Área Temática: Subjetividades Coletivas, Movimentos sociais e Educação Popular

Classificação do trabalho: Pós-Graduação

ARTETERAPIA-EDUCAÇÃO: TECENDO SENTIDOS ENTRE VIVÊNCIA E REENCANTAMENTO

Maira Bruce Valença

Orientador: Flávio H. A. Brayner

Co-orientadora: Ana Márcia Luna Monteiro

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação,
PPGE - CE - UFPE;

e-mail: mairabrucee@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa buscou tecer um diálogo entre a *metodologia teórico-vivencial* observada e analisada em uma das turmas de uma Formação em Arteterapia no Recife, a “Formação em Arteterapia e Linguagens Corporais da Traços-PE” e a ideia de *reencantamento* da educação, a fim de perceber a importância de um fazer significativo e afetivo em sala de aula para a efetiva incorporação dos saberes pelos estudantes. Para isso, foram considerados o registro, em relatórios de monitoria, das vivências ocorridas na turma analisada, que aconteceu entre 2014 a 2016, assim como os depoimentos destas alunas e das coordenadoras, também professoras da formação e supervisoras dos processos de estágio da turma. A abordagem epistemológica da pesquisa se pauta na teoria da complexidade, tendo em vista que a própria Arteterapia é um campo transdisciplinar, um campo que “tece junto” teorias e áreas do saber para compor sua *práxis*. **Introdução:** Quando estava na fase escolar, pensava durante algumas aulas: “*o que estará acontecendo do lado de fora?*” - nestes momentos, havia em mim uma sensação de estar numa prisão e o sentimento era de tédio. A não-visualização da aplicabilidade de alguns conteúdos na vida, os livros de pequenas imagens desbotadas, cheios de palavras narradas em mesmo tom por um professor entediado numa aula de sessenta minutos: tudo isto me levava muitas vezes a acreditar numa incapacidade pessoal para a compreensão destes assuntos. Talvez, estivesse já profundamente marcada pela minha primeira vivência numa escola onde tínhamos aulas-passeio frequentes, das quais as memórias que guardo comprovam a riqueza da experiência vivida. Nas fases que se sucederam, isto se repetiu muito pouco. Poucas foram as aulas que estimulavam a participação dos alunos, aulas-passeio, livros com ricas imagens, idas ao laboratório de química e física, professores envolvidos e que disponibilizavam diversos recursos didáticos para a melhor compreensão dos assuntos: como foram raros estes momentos! A grande parte do que me recordo do processo de ensino-aprendizagem se dava desse jeito: um ensina e o outro aprende. Mas nunca fui boa em decorar assuntos, meu forte eram as interpretações, as expressões e as interações. A escola, muitas vezes tem esse tom de pouco prazer, e sempre pensei que a matemática poderia ser mais saborosa se aprendida com as mãos! Hugo Assmann (2012) endossa este sentir quando escreve:

“A escola deve ser um lugar gostoso” (p.22). Era assim que sentia, até descobrir que este sentir é comum, pois a instituição escolar está em crise, devido ao fato de que se fundou numa perspectiva racionalista que também entrou em crise neste último século. Nesta dissertação busca-se uma compreensão acerca do processo de aprendizagem através de vivências em grupo de uma turma da Formação em Arteterapia e Linguagens Corporais da Traços-PE, pois parte-se do pressuposto que neste caso específico é possível encontrar elementos que dialogam com a necessidade contemporânea de reencantarmos a Educação. Este reencantamento tem a ver com a dimensão do prazer no processo educativo, e é nesta defesa que esta pesquisa se apresenta. Busco trazer, para o diálogo científico no campo da Educação, minha vivência pessoal neste espaço educativo não-formal citado acima, por sentir os seus efeitos na minha vida, por admiração à sua capacidade de provocar a “experienciação de conteúdos” (ou a “vivenciação”) em detrimento da velha “transmissão”. Descobri que depois de adulta, ainda é possível aprender com prazer! E mais do que isso, aprender um saber que se conecta com a própria vida, e que constitui auto-saber, autoconhecimento. É também por acreditar na necessidade de nos dedicarmos mais ao autoconhecimento nos processos formativos de modo a saber lidar mais com nós mesmos, e assim, em sociedade, que trago esta vivência para o diálogo com o fazer científico no campo da educação. **Metodologia:** A metodologia da pesquisa se baseia na abordagem qualitativa da pesquisa social, no estudo de caso etnográfico, envolvendo análise de conteúdo temática dos relatórios de monitoria, elaborados ao longo desta formação por mim, então aluna e monitora da turma estudada; e também a análise de conteúdo das entrevistas realizadas com as pessoas descritas acima. **Resultados e discussões:** Surgiram reflexões interessantes a partir das entrevistas, onde o elemento vivencial entrou também em conflito na perspectiva das estudantes, com o elemento teórico, da racionalização. Discutiu-se muito acerca do equilíbrio necessário entre essas dimensões. Nem muito vivencial e pouco teórico, nem muito teórico e pouco vivencial, o processo educativo em Arteterapia deve buscar o lúdico, o experimental, o subjetivo, mas também o racional, o conteúdo, o que há de teórico acerca daquilo que se estuda. **Conclusões:** Percebemos na pesquisa que a Formação em Arteterapia provocou mudanças nas pessoas que dela participaram, mudanças de olhar acerca da própria vida e isso foi tecido junto ao experimento de materiais e conteúdos didáticos, ou seja, a dimensão do formativo cruzou a instrumentalização para o ofício de arteterapeutas, mas foi além, trazendo elementos e aprendizados para a vida de quem dela participou.

Palavras-chave: Pedagogia Vivencial. Arteterapia. Reencantamento da Educação.

Agência de fomento: CAPES.

Referências:

- ARALDI, Lilian Cordeiro. **Vivência em Arteterapia**. In: Revista Imagens da Transformação. Vol.12. Rio de Janeiro: Pomar, 2006. ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação:** rumo à sociedade aprendente. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- BYINGTON, Carlos Amadeu B. **Pedagogia Simbólica:** a construção amorosa do conhecimento de ser. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.